

## **Paralisia cerebral: um impasse de corporeidade na educação inclusiva**

Cerebral palsy: a corporate impasse in inclusive education

**Gabriela Garcia Ceron**

ggarciaceron@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9013-7013>

Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, Brasil

**José Nathan Fernandes Rocha**

nathan\_fisioterapia@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5233-5468>

Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, Brasil

**Gláucio Da Silva Camargos**

glaucio.camargos@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0592-3376>

Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, Brasil

### **RESUMO**

A condição neurológica denominada paralisia cerebral pode apresentar alterações do desenvolvimento nos âmbitos motor, sensorial, comportamental e cognitivo. Diante da necessidade de debate acerca da inclusão da pessoa com paralisia cerebral no ensino comum, esse estudo discutiu a importância da apropriação do corpo para que a aprendizagem ocorra, proporcionando ao indivíduo amadurecimento, crescimento, autonomia e independência, e o quanto que isso é difícil para a criança com paralisia cerebral. Assim, considerou-se, o impacto que essa deficiência pode gerar na criança que frequenta escola e evidenciou-se que a presença da educação psicomotora na educação inclusiva, por meio da estimulação precoce, faz-se essencial para o processo de ensino-aprendizagem de todos os alunos, inclusive os com paralisia cerebral. Com a elevação da plasticidade neural a consciência corporal é promovida, levando ao reconhecimento de capacidades e limites. Assim, para potencializar o trabalho educativo com o aluno com paralisia cerebral, indicamos como crucial a contemplação das manifestações biopsicossociais, afectivo-emocionais e psicossociocognitivas do desenvolvimento humano, com a consciência de que a integração psicossomática faz parte da saúde, e a saúde, da educação.

**Palavras-chave:** paralisia cerebral, novas estratégias de ensino, desafios, esquema corporal, criatividade.

### **ABSTRACT**

The neurological condition called cerebral palsy can present developmental changes in the motor, sensory, behavioural, and cognitive scopes. Faced with the need for debate about the inclusion of people with cerebral palsy in regular education, this study discussed the importance of body ownership for learning to occur, providing the individual with maturation, growth, autonomy, and independence, and how difficult this is for the child with cerebral palsy. Thus, the impact that this deficiency can generate on the child who attends school was considered and it was evidenced that the presence of psychomotor education in inclusive education, through early stimulation, is essential for the teaching-learning process of all students, including those with cerebral palsy. With the elevation of neural plasticity, body awareness is promoted, leading to the recognition of capacities and limits. Therefore, to enhance the educational work with the student with cerebral palsy, we indicate as crucial the contemplation of the biopsychosocial, affective-emotional, and psychosocial cognitive manifestations of human development, with the awareness that psychosomatic integration is part of the health, and health, of education.

**Keywords:** cerebral palsy, new teaching strategies, challenges, body scheme, creativity.

## INTRODUÇÃO

Esse estudo teórico se propõe a discutir a importância da apropriação do corpo para que a aprendizagem ocorra, proporcionando ao indivíduo amadurecimento, crescimento, autonomia e independência, e o quanto que isso é difícil para a criança com paralisia cerebral.

Foi descrita, pela primeira vez em 1843, por Little a encefalopatia crônica da infância, que a caracterizou, principalmente, pela rigidez muscular, e anos depois a relacionou com o parto anormal. Freud propôs a expressão paralisia cerebral (PC) e Phelps a consagrou para se referir às crianças que apresentavam prejuízos motores leves, moderados ou severos, em função da lesão do sistema nervoso central, similares ou não aos acometimentos motores da Síndrome de Little (Simões et al., 2013).

Em 1959 com a realização do Simpósio de Oxford a PC foi definida como transtorno persistente, mas não imutável do tono, da postura e do movimento, que surge na primeira infância e é secundária a uma lesão não evolutiva do encéfalo, que afeta a maturação neurológica (Simões et al., 2013).

Logo, a participação de pessoas com paralisia cerebral da vida social, econômica e política, assegurando, pelo Estado e pelo Poder Público, o respeito aos seus direitos no âmbito da sociedade significa inclusão social. Para contribuir com a qualidade de vidas dessas pessoas faz-se necessária uma abordagem escolar mais digna, respeitosa e com maior potencial (SILVA FERRAZ, 2017).

A educação psicomotora faz-se crucial desde a educação infantil e nas séries iniciais, até que se complete o processo de alfabetização e introdução ao raciocínio lógico-matemático (MORAES e MALUF, 2015). Essa ação torna-se difícil quando se tem paralisia cerebral, por isso que é imprescindível uma educação psicomotora no ensino regular.

Materializa-se por meio da linguagem a racionalidade e o pensamento que permite ao ser humano lançar-se para além dos limites visíveis do seu corpo e adentrar em um universo simbólico. Este universo nos permite dizer que temos um corpo ou somos portadores do corpo (MAXIMIANO, 2004). É um processo fundamental para a aprendizagem. Segundo Silva et al., (2010) o reconhecimento das possibilidades de ação do próprio corpo podem ser umas das dificuldades da pessoa com PC.

De acordo com Da Fonseca apud Martínez-Moreno; Imbernon Gimenez e Diaz Suarez (2020, p. 2) "a psicomotricidade se cognição é possível, mas a cognição sem psicomotricidade não é".

Com base nessa proposta, abordaremos quatro reflexões essenciais ou pontos iniciais, para discutir a importância da educação psicomotora para a inclusão de alunos com paralisia cerebral no ensino regular:

### **Encontro entre psicossomática e psicomotricidade**

Como ciência a psicomotricidade é considerada como a área transdisciplinar que visa estudar e investigar as inter-relações influenciadoras e sistêmicas entre a psique e o corpo, e, entre o psique e a motricidade, nas suas múltiplas e complexas manifestações biopsicossociais, afectivo-emocionais e psicossociocognitivas originárias da personalidade global, singular e evolutiva que forma o ser humano (FONSECA, 2010).

É uma área de interface entre saúde e educação que pesquisa, ajuda, previne e cuida do indivíduo na aquisição, no desenvolvimento e nos distúrbios da integração psicossomática (ALVES, 2009).

Assim, o conceito de psicomotricidade se confunde com de a psicossomática. Vejamos a concepção de psicossomática de Ceron (2020, p. 132):

Ofereço, através do referencial psicanalítico, a concepção de que no ser humano saudável é essencial, inexorável, inevitável e imprescindivelmente a personalização do psicossoma – soma e psique como uma unidade harmônica, intercomposta e interdependente.

Ceron (2020) pondera, baseada na psicossomática, que a pessoa por intermédio de suas tendências às integrações biopsicossociais, afectivo-emocionais e psicossociocognitivas transmite uma mensagem de saúde ou de doença; e que essa mensagem provém do inconsciente e da relação com ambiente. Essa mensagem é uma linguagem.

Consonante com essa afirmação, Alves (2009, p. 4), fundamentado na psicomotricidade, assevera que:

Na realidade, desde o início da fala humana, onde o homem inicia sua fala sobre seu corpo, a psicomotricidade marca seu espaço e de acordo com o percurso histórico deste corpo, as concepções sobre o "corpo" ou mesmo "um corpo", se multiplicaram até os nossos dias, pela própria construção do homem acerca do corpo e sua entrada no simbólico, no mundo.

Outrossim Freud (1996/1923) indica que o próprio corpo de um indivíduo e, acima de tudo, a sua superfície, forma um local onde podem provir-se sensações tanto externas quanto internas. Ele é visto como qualquer outro objeto, mas, ao tato, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna. A psicofisiologia examinou plenamente o jeito pelo qual o próprio corpo de um indivíduo chega à sua posição excepcional entre outros objetos no mundo da percepção. Também a dor parece desempenhar um papel no processo e o modo pelo qual obtemos novo conhecimento de nossos órgãos durante as doenças dolorosas constitui talvez um modelo da forma pela qual em geral chegamos à ideia de nosso corpo.

A meta da educação, no tocante à psicomotricidade, seria alcançar o conhecimento das etapas de desenvolvimento em se encontra o aluno para auxiliá-lo na aquisição do esquema corporal, da lateralidade, da estruturação espacial e da orientação temporal e na transmissão de uma mensagem de saúde (RUIZ, 2021).

### **Paralisia cerebral**

Existe uma deficiência que afeta significativamente as inter-relações recíprocas entre psique, soma e motricidade. Descreve-se encefalopatia crônica não progressiva da infância ou paralisia cerebral (PC) como um aglomerado de desordens do desenvolvimento do movimento e postura, gerando limitação da atividade, que são considerados como distúrbios não progressivos que ocorrem no desenvolvimento fetal ou infantil do cérebro até o segundo ano de vida pós-natal. Por distúrbios sensoriais, cognição, comunicação, percepção, comportamental, desordens epiléticas, dentre outros prejuízos estas desordens da (PC) podem estar frequentemente associadas (GRAÇÃO e SANTOS, 2017; ZANINI, CEMIN e PERALLES, 2017).

De diferentes maneiras a paralisia cerebral (PC) pode acometer as pessoas por meio de distúrbios neuromusculares, com alterações de tônus, com a persistência de reflexos primitivos, rigidez e espasticidade. Esses distúrbios causam padrões de movimentos anormais que podem comprometer o desempenho funcional dessas crianças. A patologia pode interferir na interação das crianças em situações essenciais, por exemplo na aquisição e desempenho de atividades motoras básicas como rolar, sentar, andar e também em ações cotidianas, como tomar banho, vestir-se, locomover-se e alimentar-se (SOUZA et al., 2011). Ou seja, a condição dificulta a transmissão de uma mensagem de saúde, que engloba uma integração biopsicossocial, afectivo-emocional e psicossociocognitiva.

Em função das lesões que ocorrem no sistema nervoso central pela PC, algumas alterações motoras tornam o movimento voluntário descoordenado, estereotipado e limitado (SOUZA et al., 2011).

É multifatorial a etiologia da PC e geralmente a causa e o momento exato da lesão são difíceis de precisar. Compreende-se os aspectos pré-natais (malformações do sistema nervoso central, infecções congênicas e quadros de hipóxia), peri-natais (anóxia peri-natal) e pós-natais (meningites, infecções, lesões traumáticas e tumorais) na etiologia (GRAÇÃO e SANTOS, 2017).

Para Silva; Martinez e Santos (2012) em função dos acometimentos psicossomáticos em termos motores, cognitivos, comportamentais e sensoriais que variam amplamente na condição, o impacto que essa deficiência pode gerar na criança que frequenta escola deve ser considerado.

### **Educação Inclusiva**

Martins e Leitão (2016) asseveram que o movimento de inclusão de alunos com PC no ensino regular é de caráter permanente e compreende uma perspectiva inovadora, na qual um paradigma psicopedagógico, mais congruente com a realidade da sala de aula, substitui a tradicional classificação tipológica baseada em critérios médico-pedagógicos.

Sobre o paradigma psicopedagógico da educação inclusiva, Ceron (2017, p. 40) observa que:

A educação inclusiva é a filosofia e a visão de que todas as crianças pertencem à escola e à comunidade e de que podem aprender juntos. É o conceito construtivo de autonomia, ou seja, ser parte e todo ao mesmo tempo. É fazer parte, é compreender e ser compreendido.

Ceron (2017, p. 40) ainda frisa que:

Inclusão significa que não é o aluno que se molda ou se adapta à escola, mas a escola consciente de sua função, coloca-se à disposição do aluno. A educação é uma questão de direitos humanos e os alunos com necessidades especiais devem fazer parte das escolas, as quais devem se estruturar para incluir a todos. Assim, a escola inclusiva possui prática pedagógica coletiva, multifacetada, dinâmica e flexível, implantando propostas educativas que contemplam a diversidade contribuindo para a construção de uma sociedade mais solidária e menos excludente.

Continuando com Ceron e Rocha (2019; 2020, p. 83):

A equipe educacional precisa ter consciência de que não existem manuais de instruções e receitas prontas de como lidar com este ou aquele caso de inclusão e de que ninguém é detentor do saber dos problemas que acometem todos os sujeitos/alunos. Muitos professores ansiosos caem na armadilha dos cursos que prometem ensinar como lidar com uma necessidade especial específica.

Nesta vertente, uma Escola Inclusiva deve garantir a qualidade de ensino-aprendizagem, respeitando à heterogeneidade dos seus alunos. Neste sentido, faz-se imperativo uma reorganização estrutural da escola, nos contextos: (a) arquitetura (adequabilidade física dos imóveis e acessos); (b) dinâmica de sala de aula; (c) organização curricular; e (d) formas e critérios de avaliação (CERON, 2017; MARTINS e LEITÃO, 2016, VILCHEZ, 2018).

Vilchez (2018) afirma que a educação inclusiva tem a missão de aprimorar funções como a comunicação e o desenvolvimento psicomotor, fortalecendo, com isso, a autoconfiança e a autoestima do aluno. "A ideia é potencializar o trabalho com o estudante com deficiência, e não limitar sua aprendizagem a um currículo que não seja adequado para ele ou ela" (VILCHEZ, 2018, p. 19). Para Jannuzzi (2004) o êxito da ação encontra-se na união de esforços de soluções trazidos pelo próprio sujeito, de pessoas dedicadas a auxiliá-los e de avanços científicos.

## **Educação Psicomotora e Paralisia Cerebral**

Por intermédio da interação com o mundo exterior é possível educar o corpo, estimulando o pleno desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor, para desenvolver um conjunto de capacidades neuromotores, que envolve o funcionamento de sistemas de atividade cerebral e as capacidades psíquicas, como por exemplo: sensação, percepção, representação, memória, atenção, orientação, simbolização e a linguagem. Assim, corpo e seus meios de expressão em um instrumento de relação do ser se convertem (GALVANI, 2017).

Aumentar o número de sinapses significa aprender. No sentido neurológico, o uso maior ou menor de sinapses é o que possibilita aprender. É atrelado no desenvolvimento da criança o conhecimento de seu próprio corpo e de como se relacionar com o ambiente. Na área práxica, nas fases da área gnósica, para realizar suas atividades respectivamente, a criança aprende a utilizar o próprio corpo, aprende a ter controle do espaço (CORRÊA, COSTA e FERNANDES, 2004).

Na presença do distúrbio do esquema corporal os distúrbios psicomotores são agravados. Nas pessoas com PC ocorre um prejuízo da representação corporal em termos de agenciamento dos movimentos em sua relação com o próprio corpo. Daí se encontra a necessidade da estimulação da integração do esquema corporal, onde a educação física pode ser uma ação pedagógica aliada (CORRÊA, COSTA e FERNANDES, 2004).

Segundo Maia et al., (2020) A educação física faz-se primordial no processo de reabilitação de uma pessoa com paralisia cerebral (PC). A atividade física e o lúdico muito podem auxiliar um sujeito com PC nas suas atividades de vida diária, nas suas atividades de lazer, de trabalho e, principalmente, de socialização independentemente da idade.

Maia et al., (2020, p. 7) complementam: "a Educação Física adaptada é importante na vida de uma criança com

paralisia cerebral, pois não tem como objetivo somente a melhoria dos seus movimentos, e sim, a sua interação com os seus colegas, ajudando na parte efetiva do aluno" A plasticidade neural é ativada, agindo com toda sua capacidade e respeitando seus limites. Aprimora os movimentos pois, atua no cérebro estimulando e facilitando voluntários e também a autoestima e na sua independência social (MAIA et al., 2020).

Desta forma, "A educação psicomotora promove uma nova perspectiva no processo da aprendizagem, através de experimentações e vivências corporais, auxiliando no entendimento do desenvolvimento neuropsicomotor da criança" (GALVANI, 2017, p. 69).

Para tal, o caminho a ser seguindo precisa está claro pelo educador, que deve saber quais são as necessidades de seus alunos nas diferentes etapas do desenvolvimento e quais habilidades pretende desenvolver, para se preparar melhor e adequar os trabalhos primordiais às necessidades do educando (RUIZ, 2021).

Făgăraș; Rus e Vanvu (2014) enfatizam a relevância que a estrutura perceptivo-motora e a compreensão dos conceitos espaço-temporais têm para a aquisição da escrita. Desta forma, o aluno deve compreender primeiro quando ele está para baixo ou quando está para cima, ou seja, a sua direção, antes de compreender que "p" está para baixo e "b" para cima antes que possa ter um real domínio da direção de letras, de palavras e de números ele deve apreciar o seu esquema corporal.

Por intermédio da educação psicomotora, a criança se torna consciente de seu corpo, descobrem ações que podem ser realizadas de forma autônoma, reconhecem diferentes de ser moverem e ganham imaginação, criatividade, liberdade e confiança (MAS e CASTELLÀ, 2014).

A educação psicomotora é apontada por Mas e Castellà (2014) como uma ferramenta benéfica para a aprendizagem. A psicomotricidade pode auxiliar a melhorar a formação de estruturas cognitivas relacionadas à atenção, memória, percepção, linguagem e pensamento, todos os quais colaborarão na compreensão de concepções como espacialidade, temporalidade e velocidade.

Martínez-Moreno; Imbernon Gimenez e Diaz Suarez (2020) afirmam que a relação do desenvolvimento psicomotor com o acadêmico é enfatizada pela teoria psicopedagógica. De acordo com Le Boulch apud Martínez-Moreno; Imbernon Gimenez e Diaz Suarez (2020, p. 2) "há três estágios no desenvolvimento do esquema corporal: 1. o estágio do corpo vivido (até três anos); 2. o estágio de discriminação perceptual (três a sete anos); 3 o estágio do corpo representado (sete a doze anos)".

Entre a psicomotricidade fina, o desenvolvimento da escrita e as dimensões psicomotoras da coordenação visual manual, mobilidade facial, e as dimensões fonética e gestual que influenciam as dimensões silábica existe uma correlação positiva (MARTÍNEZ-MORENO; IMBERNON GIMENEZ e DIAZ SUAREZ, 2020).

Para Scorsolini-Comin e Amorim (2010) a criança com PC se constitui a partir de suas limitações, de suas possibilidades e de relações com o outro. Assim, essa sua forma corporeidade pelo modo que é segurada, tocada, puxada, na interação com o outro, na intercorporeidade. Scorsolini-Comin e Amorim (2010, p. 268) exemplificam:

O contato com as diferentes realidades e percepções a partir da experiência - com o próprio corpo, com o corpo que é vivido, experienciado traz suas nuances, que se mesclam e se transformam constantemente no processo de interação, de apreensão do mundo e do universo dialógico da linguagem.

Scorsolini-Comin e Amorim (2010) afirmam que, muitas vezes, ocorre a falsa inclusão em função de alunos com PC serem excluídos das práticas usuais escolares e/ou integrados da forma que os outros decidem. Muitas vezes, os outros determinam arbitrariamente como, quando, onde e com quem o aluno com PC irá realizar sua atividade. Não lhe sendo permitido ter autonomia, ter voz ativa. São essas possibilidades que lhe garantem a eficiência da inclusão e a apropriação de esquema corporal. O estudante com PC tem direito a essas decisões de como ser conduzido e como ser ajudado; de como, onde, quando e por quem ser manipulado.

Oliveira (2018) enfatiza que podemos observar qual é o lugar que a pessoa com deficiência ocupa na estrutura das relações sociais por meio da atividade realizada pela mesma e, podemos verificar, por esse prisma, o quanto ela faz jus à condição humana e se apropria de suas especificidades. Portanto, o desenvolvimento biopsicossocial, afetivo-emocional e psicossociocognitivo das pessoas com deficiência tem como propulsor o apoderamento e objetivação da condição humana, promotora da inserção na história do desenvolvimento humano (OLIVEIRA, 2018). O autor utiliza o termo supercompensação da teoria vigotskiana para se referir à apropriação, à objetivação do gênero humano e à superação dos limites impostos pela deficiência.

Façamos nossas as palavras de Silva (2019, p. 295):

Acreditamos que a inserção das práticas corporais na escola, possibilita a reflexão e análise crítica da realidade onde o sujeito está inserido, e dessa forma, repudia as ações negativas, como discriminação e preconceito, além das práticas pautadas em transmissão e reprodução de conhecimento.

## CONCLUSÃO

A estimulação precoce da educação psicomotora na educação inclusiva faz-se essencial para o processo de ensino-aprendizagem de todos os alunos, inclusive os com paralisia cerebral. A elevação da plasticidade neural promove a consciência corporal, que por sua vez, possibilita o reconhecimento de capacidades e limites.

Reiteramos que não existe cognição sem psicomotricidade. Assim, para potencializar o trabalho educativo com o aluno com paralisia cerebral tem que se considerar manifestações biopsicossociais, afectivo-emocionais e psicossociocognitivas do desenvolvimento humano; considerar que a integração psicossomática faz parte da saúde, e a saúde, da educação.

Reforçamos que o conhecimento das noções espaço-temporais e proprioceptivas são imprescindíveis para a aprendizagem da escrita e do raciocínio lógico-matemático, mais do isso, são imprescindíveis para o desenvolvimento de estruturas cognitivas como a memória, a atenção, a percepção e a linguagem.

Em termos psíquicos, o reconhecimento do esquema corporal gera autoestima e confiança, possibilita autonomia e independência; limita ações abusivas de outras pessoas. Enfim, estimula a criatividade e imaginação.

Geralmente, a educação psicomotora quando é feita na escola o responsável por ela é o educador físico, mas pensamos que é possível de ser trabalhada em todas as disciplinas, com a criatividade do educador. Recomendamos atividades com bolas, bastões e elásticos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. C. S. *Psicomotricidade I*. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2009.
- CERON, G. G. As contribuições de Donald Woods Winnicott para a psicossomática. **Tempo Psicanalítico**, 52, n. 2, p. 127-154, 2020.
- CERON, G. G. Educação inclusiva: dos elementos constituintes às dificuldades. **Revista Pedagogia – UFMT**, 4, n. 2, p. 37-51, 2017.
- CERON, G. G.; ROCHA, F. N. **Os Alunos Com Falhas Na Subjetivação No Ensino Regular: Um olhar psicanalítico**. Cerqueira César: Filos Editora, 2020. 106 p. 978-65-87128-27-6.
- CERON, G. G.; ROCHA, J. N. F. Os Alunos Com Falhas na Subjetivação no Ensino Regular: Um Olhar Psicanalítico. **Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação**, 23, n. 2, p. 357-369, 2019.
- CORRÊA, F. I., COSTA, T. T. D., FERNANDES, M. V. Estudo de imagem e esquema corporal de crianças portadores de paralisia cerebral do tipo tetraparética espática. **Fisioterapia Brasil**, 5, n. 2, p. 131-135, 2004.
- FĂĞĂRAȘ, P. S.; RUS, C. M.; VANVU, G. The Importance of Psychomotricity in Developing of Perceptual–Motor Structures. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, 149, p. 317-320, 2014.
- FONSECA, V. D. Psicomotricidade: uma visão pessoal. **Construção psicopedagógica**, 18, n. 17, p. 42-52, 2010.
- FREUD, S. O ego e o id. (1923). In: **O ego, o id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX, p. 27-77.
- GALVANI, C. Psicomotricidade colaborando com a formação de educadores no processo de inclusão: O corpo como elemento fundamental na estrutura da aprendizagem. **Plures Humanidades**, 18, n. 1, 2017.
- GRAÇĂO, D. C.; SANTOS, M. G. M. A percepção materna sobre a paralisia cerebral no cenário da orientação familiar. **Fisioterapia em Movimento**, 21, n. 2, 2017.
- JANNUZZI, G. M. A. D. **Educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas: Autores associados, 2004.**

- MAIA, S. D. B.; MORAIS, L. C.; DA SILVA, F. S. T.; DE SOUZA FARIAS, C. J. et al., Educação física adaptada e o desenvolvimento motor de um indivíduo com paralisia cerebral: um relato de experiência. **VII CONEDU - Congresso Nacional de Educação**, 2020.
- MARTINS, C.; LEITÃO, L. O Aluno com Paralisia Cerebral em Contexto Educativo: Diferenciação de metodologias e estratégias. **Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health**, n. 42, p. 59-66, 2016.
- MARTÍNEZ-MORENO, A.; IMBERNON GIMENEZ, S.; DIAZ SUAREZ, A. The Psychomotor Profile of Pupils in Early Childhood Education. **Sustainability**, 12, n. 6, p. 2564, 2020.
- MAS, M. T.; CASTELLÀ, J. Can Psychomotricity improve cognitive abilities in infants? **Aloma: revista de psicologia, ciències de l'educació i de l'esport Blanquerna**, 34, n. 1, p. 65-70, 2016.
- MAXIMIANO, J. Psicomotricidade e relaxação em psiquiatria. **PsiLogos: Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca**, p. 85-95, 2004.
- MORAES, S.; MALUF, M. F. D. M. Psicomotricidade no contexto da neuroaprendizagem: contribuições à ação psicopedagógica. **Revista Psicopedagogia**, 32, n. 97, p. 84-92, 2015.
- OLIVEIRA, A. P. D. J. O desenvolvimento psíquico das pessoas com deficiência e as contribuições da teoria da atividade. In: PAPIM, A. A. P. ARAUJO, M. A., MOURA, K. G., SILVA, G. F. **Inclusão escolar perspectiva e práticas pedagógicas contemporâneas**. Porto Alegre: Fi, 2018. cap. VII, p. 129-148.
- RUIZ, A. C. L. K. Psicomotricidade e a importância na educação. **Revista Primeira Evolução**, 1, n. 12, 2021.
- SILVA, J. P. V. D. Educação física adaptada: um relato sobre a proposta de intervenção pedagógica para alunos com paralisia cerebral. In: Batista, N. L., RIZATTI, T. F. M., FELTRIN, T. **Formação, Prática e Pesquisa em Educação** 2, 2019. Paraná: Atena Editora, cap. 28. p. 291-297.
- SILVA, T. R.; ALVES, F. S.; GOMES, D. P.; DIAS, P. H. P.; PEREIRA, E. T. Estimulação psicomotora e desenvolvimento da imagem corporal de uma paralisada cerebral. **Anais do I Simpósio Internacional de Imagem Corporal & I Congresso Brasileiro de Imagem Corporal**, Campinas: São Paulo, 2010.
- SILVA FERRAZ, P. C. D. Inclusão de crianças com paralisia cerebral em escolas municipais sob a ótica da equipe escolar. **Lecturas: Educación física y deportes**, 22, n. 235, p. 7, 2017.
- SILVA, D. B. R.; MARTINEZ, C. M. S.; SANTOS, J. L. F. Participação de crianças com paralisia cerebral nos ambientes da escola. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 18, n. 1, p. 33-52, 2012.
- SCORSOLINI-COMIN, F.; AMORIM, K. D. S. " Em meu gesto existe o teu gesto": corporeidade na inclusão de crianças deficientes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 23, n. 2, p. 261-269, 2010.
- SOUZA, K. E. S. D.; SANKAKO, A.; CARVALHO, S. M. D.; BRACCIALLI, L. M. P. Classificação do grau de comprometimento motor e do índice de massa corpórea em crianças com paralisia cerebral. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, p. 11-20, 2011.
- VILCHEZ, I. C. C. Uma escola em transformação: reflexões essenciais de uma educação inclusiva para estudantes com deficiência. In: PAPIM, A. A. P., ARAUJO, M. A., MOURA, K. G., SILVA, G. F. **Inclusão escolar perspectiva e práticas pedagógicas contemporâneas**. Porto Alegre: Fi, 2018. cap. I, p. 13-30.
- ZANINI, G.; CEMIN, N. F.; PERALLES, S. N. Paralisia cerebral: causas e prevalências. **Fisioterapia em Movimento**, 22, n. 3, 2017.